

A FILOSOFIA NA APOLOGIA DE APULEIO

Paulo Vinícius Perez Bonafina, Isabella Tardin Cardoso

Resumo

O presente estudo é o resultado da etapa inicial de nossa pesquisa sobre a *Apologia* de Apuleio (125 – 170? d.C.), obra que, assim como as outras do autor, ainda é pouco estudada no Brasil. A *Apologia* é, em linhas gerais, um discurso judicial no qual o autor defende-se de acusações de magia lançadas pelo seu enteado. Apuleio poderia ter feito uma exposição simples, que apenas provasse a sua inocência, mas em vez disso optou por um texto rico em alusões e de estilo refinado, que demonstrasse a sua erudição e agradasse ao público enquanto refutava seus acusadores. Uma de suas estratégias de defesa, que pode explicar essa escolha estilística, é se apresentar como um filósofo perseguido por ignorantes. Esse aspecto é o foco do presente trabalho. Através de um estudo (que inclui uma tradução parcial dos 28 primeiros capítulos), busca-se explorar como é ali expressa a relação entre Apuleio e a filosofia, como ele a define e qual o seu uso na sua defesa.

Palavras-chave:

Apuleio, Apologia, Sofística

Introdução

Apuleio (*Apuleius Madaurensis* 125–170? d.C.), autor latino conhecido principalmente pela sua obra *Metamorphoses*, foi também um reconhecido orador e filósofo, atuante no contexto da Segunda Sofística (Harrison 2000). Sua *Apologia*, também chamada “Autodefesa quanto à magia” (*Pro se de magia*), foi um discurso proferido entre os anos 158 e 159 de nossa era em Sábrata (na atual Líbia), para sua defesa num processo judicial. A acusação principal, lançada por seu enteado, era de que Apuleio teria usado de meios mágicos – portanto, ilegais – para seduzir uma rica viúva chamada Pudentilla (*Pudentilla*). Como era comum, além de tentar atribuir determinado crime ao acusado, também se buscava manchar a sua imagem em geral. Por isso, outras acusações secundárias também são levadas ao tribunal, que denunciam os alegados hábitos e caráter de Apuleio, ou acontecimentos aparentemente sobrenaturais por ele motivados. Habilmente, o autor se utiliza dessas imputações como base para uma série de digressões literárias e filosóficas, cujo efeito final ainda é motivo de debate entre os pesquisadores. Ao longo dessas digressões, o autor desenvolve a sua imagem como filósofo platônico e expõe a sua concepção de filosofia. Na *Apologia*, esses conceitos são desenvolvidos dentro de uma complexa trama de influências, que envolve as convenções retóricas da Segunda Sofística, da própria filosofia então acessível e a necessidade, manifesta pelo autor, de ser inocentado.

Resultados e Discussão

Visto que os temas a serem estudados se concentram nos primeiros 28 capítulos, optou-se por uma tradução parcial dessa seção, baseada na edição latina de Paul Valette (1914). A partir de estudos preliminares, foi possível distinguir algumas das atuais linhas de interpretação da *Apologia*. No que tange ao recorte do presente estudo, destaca-se a interpretação de Rives (2008). Na sua visão, o conteúdo literário e filosófico da *Apologia*, nitidamente serviria para reforçar a tese de Apuleio, a saber: de que ele, como Sócrates, seria um filósofo perseguido pela massa inculta. Além disso, tal riqueza de referências funcionaria como um meio de aproximar-se do juiz, o procônsul Cláudio Máximo, que

também era um erudito e, provavelmente, foi um dos poucos presentes que pôde compreender as alusões de Apuleio (Rives 2008). Ao lado dessa interpretação, pode-se colocar a de Harrison (2008), cuja tese principal é de que o julgamento ofereceu a Apuleio uma grande oportunidade de autopromoção. Desse modo, a riqueza literária do discurso se justificaria como uma estratégia de Apuleio para impressionar o público e assim, impulsionar a sua incipiente carreira como orador. Em contraposição a essas análises, existem outras possibilidades interpretativas, como a de Bakhouché (2004), que se apoiam sobre o conteúdo filosófico do texto e suas relações com a religião e a magia, outros dois temas de relevância na *Apologia*.

Conclusão

Nesta fase inicial do trabalho (concentrado numa primeira leitura e no levantamento do estado da questão), o que primeiro se nota é, portanto, como o próprio formato do texto – uma mescla entre discurso judicial e epidítico – dá margem a uma ampla gama de possibilidades interpretativas. Pretendemos averiguar a hipótese de que uma de suas estratégias de defesa, que pode explicar sua escolha estilística, é se apresentar como um filósofo perseguido por ignorantes. A tradução para o português, pautando-se por esses estudos, pode contribuir para, em primeiro lugar, evidenciar as alusões aos textos filosóficos e literários então disponíveis. A partir daí, seguindo uma metodologia intertextual (Vasconcellos 2011), será necessário ponderar sobre os efeitos daquelas – indispensáveis para esclarecer e aprofundar a análise dos temas propostos.

APULEIUS (MADAURENSIS); VALLETTE, Paul. *Apologie*: Florides. Apulée. Texte établi et trad. par Paul Valette. 1924.

BAKHOUCHE, Béatrice. Platonisme et magie dans l'Apologie d'Apulée. *Vita Latina*, v. 170, n. 1, p. 147-160, 2004.

RIVES, James B. Legal Strategy and Leamed Display in Apuleius' *Apology*. *Paideia at Play: Learning and Wit in Apuleius*, v. 11, p. 17, 2008.

HARRISON, S. J. *Apuleius: A latin sophist*. Oxford; New York, NY: Oxford University Press, c2000. 281 p. ISBN 9780199271382 (broch.).

HARRISON, S. J. The Sophist at play in court: Apuleius' *Apology* and his literary career. *Paideia at Play: Learning and Wit in Apuleius*, v. 11, p. 251, 2008.

VASCONCELLOS, PS de. Reflexões sobre a noção de arte alusiva e intertextualidade na poesia latina. *Clássica*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 239-60, 2011.